

# AUTODIDATISMO COMO POTENCIALIZADOR DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: UM ESTUDO DE CASOS

*SELF-EDUCATION AS A LANGUAGE LEARNING ENHANCER: CASE STUDIES*

**Akico Koiama Santos Ferreira**

Universidade do Estado da Bahia

aky\_koiama@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2182-061X>

**Leda Regina de Jesus Couto**

Universidade do Estado da Bahia

lcouto@uneb.br

<https://orcid.org/0000-0003-1179-3934>

**RESUMO:** Apesar do interesse em aprender uma língua estrangeira por grande parte da população, há im-  
pedimentos para alcançar a proficiência, que perpassam pela má qualidade de ensino de línguas nas escolas,  
falta de acesso a cursos privados, mau uso das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação),  
bem como, não ter estratégias adequadas para estudar de forma autodidata. Assim sendo, propomos, neste  
trabalho, analisar o fenômeno autodidata através de uma pesquisa qualitativa com estudo de casos de três  
pessoas que alcançaram a competência comunicativa na língua inglesa. Assim sendo, foram conduzidas en-  
trevistas com três egressas de cursos de Letras Inglês de universidades brasileiras. Neste documento, apre-  
sentamos um recorte focado em itens relacionados às habilidades de comunicação e compreensão, além do  
uso de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem de línguas. Para discussão das temáticas, basea-  
mo-nos em referenciais teóricos sobre aprendizagem de línguas (Hymes, 1979; Paiva, 2009; 2010; 2012), uso  
de tecnologias na aprendizagem (Monico, 2017; Moura; Moura, 2024) e autodidatismo (Tavares, 2015). Os  
relatos apresentados por cada participante mostraram que no estudo autônomo de línguas, com persistência  
e através de estratégias de aprendizagem, é possível obter resultados satisfatórios na busca da proficiência.  
**Palavras-chave:** Autodidata; Tecnologias digitais da informação e comunicação; Língua inglesa; Estratégias.

**ABSTRACT:** Despite the interest in learning a foreign language by a large part of the population, there are im-  
pediments to achieving proficiency, which include the poor quality of language teaching at schools, lack of  
access to private courses, misuse of DICT (Digital Information and Communication Technologies), as well as  
not having adequate strategies to self-education. Therefore, we aim to analyze the self-taught phenomenon  
through qualitative research based on case studies of three people who achieved communicative competen-  
ce in English. Therefore, interviews were conducted with three graduates from English Language and Lite-  
rature program at Brazilian universities. This document presents a selection focused on communication and  
comprehension skills, and the use of technological resources in the language learning process. To develop  
the discussion, we bring theoretical references on language learning (Hymes, 1979; Paiva, 2009; 2010; 2012),  
use of technologies in learning (Monico, 2017; Moura; Moura, 2024) and self-education (Tavares, 2015). The  
reports presented by each participant showed that in independent study of languages, it is possible to obtain  
satisfactory results in the search for proficiency with persistence and through learning strategies.

**Keywords:** Self-education; Digital information and communication technologies; English language; Stra-  
tegies.

## INTRODUÇÃO

A demanda e desejo pelo aprendizado de línguas, principalmente a língua inglesa, na era da informação e comunicação é um fato. O inglês é a língua da globalização, mercado financeiro, tecnologias, negociações, música, artes, ciências. Logo, a oferta de cursos e métodos inovadores para aprendizagem tem inundado a *internet*, as propagandas na TV e nas redes sociais, assim como tem se ampliado a oferta de escolas bilíngues em nosso país (Megale, 2019).

Contudo, grande parte de nossa população, não tem acesso à aprendizagem de inglês, visto que a maioria das escolas públicas só oferece a disciplina a partir do Ensino Fundamental 2; e muitas são as críticas quanto à sua eficiência. A exemplo, Santos Filho, Couto e Viñal Júnior (2021), denunciam que na escola pública a aprendizagem de língua estrangeira “continua trancafiada dentro de quatro paredes, com pseudo inovações que em pouco ou quase nada mudam” (p. 218) a realidade de estudantes pobres do nosso Brasil que se mantêm sem acesso a uma educação de qualidade. Concordamos com os autores ao afirmarem que a aprendizagem precisa estar mais próxima da realidade dos alunos tanto através das suas metodologias de ensino como dos seus materiais didáticos, que infelizmente não atraem o interesse dos educandos e não possibilitam a proficiência. Os estudantes precisam ser ouvidos e ter maior participação e autonomia no processo educacional.

Estudar de forma autodidata pode ser uma solução para minimizar as dificuldades. Nessa perspectiva, a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) trouxeram a possibilidade de acessar conteúdos variados, interagir com pessoas falantes ou em aprendizagem da língua alvo, jogar, produzir conteúdos, enfim, aprender de forma mais eficaz, interativa e personalizada.

Embora a internet ainda não esteja acessível a 100% da população brasileira, a maioria já está conectada. Segundo o IBGE (2024), 94,1% dos habitantes da zona urbana e 81% da zona rural possuem acesso em seus domicílios. Monico (2017) destaca que grande parte da população utiliza ferramentas úteis para a aprendizagem de línguas, como YouTube, Duolingo, filmes, séries, músicas, QuizUp, blogs, ambientes virtuais, Lyrics Training, Google Tradutor, British Council, Dictionary.com e HelloTalk.

Além disso, destaca-se o uso de inteligências artificiais, como ChatGPT, e jogos ou sites que possibilitam a prática da língua alvo por meio da leitura, escrita, audição e fala, com interação global. Bueno e Silva (2024) também ressaltam o potencial do metaverso no ensino de inglês, mencionando o Roblox, uma plataforma de criação de jogos onde o inglês é essencial para interação e execução das atividades.

As interações online podem contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa de quem aprende uma língua. Segundo Silva (2004), a competência comunicativa envolve o conhecimento e a habilidade de usar a língua de forma eficaz em diversos contextos sociais. Isso inclui domínio gramatical e de vocabulário, compreensão de regras sociolinguísticas, produção e interpretação de discursos coerentes, além de estratégias para superar barreiras na interação e adaptar-se aos interlocutores.

Contudo, é necessário saber quais seriam as técnicas e estratégias utilizadas por esses indivíduos para desenvolver a competência comunicativa na língua inglesa, investigar se as tecnologias foram realmente eficazes no desenvolvimento dessa competência e compreender quais as dificuldades presentes no percurso. Portanto, este trabalho tem por objetivo investigar essas técnicas, estratégias e dificuldades na aprendizagem, através de entrevistas a três participantes que estudaram inglês de forma autodidata.

## 1. AUTODIDATISMO PARA A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Os indivíduos que têm a capacidade de aprender algo sozinho sobre determinado assunto ou de adquirir determinada habilidade por conta própria, sem precisar frequentar aulas ou por intermédio de professores ou instrutores são intitulados autodidatas. São, segundo Tavares (2015):

aqueles que fogem do método tradicional, ou seja, o próprio indivíduo, com seu esforço, intui, busca e pesquisa o material necessário para sua aprendizagem. Neste sentido é que este indivíduo não necessitará de um ser superior que lhe dê as coordenadas, na medida em que ele próprio tem a capacidade de descobrir o seu caminho e iluminação através de seu autodidatismo (Tavares, 2015, p. 72).

O processo de aprendizagem autodidata inclui uma pesquisa profunda acerca do assunto ou habilidade que deseja dominar, além da prática contínua a partir da técnica da tentativa e erro até chegar ao “acerto”. As pessoas autodidatas são movidas e reconhecidas por sua força de vontade e persistência em relação a um determinado aprendizado. Mesmo enfrentando dificuldade no começo do processo, elas se mantêm motivadas pela interação cultural, social e linguística. A curiosidade é aguçada por novos conhecimentos, enquanto a percepção do progresso na proficiência serve como impulso adicional para seguir em frente.

O autodidata precisa de modelos para imitar e entender o contexto por meio de sua própria análise. Ao aprender inglês, pode usar livros didáticos, sites, filmes, músicas e interagir com falantes da língua, seja presencialmente ou online. A aprendizagem autodidata tem se tornado mais comum com a expansão da internet, que facilitou e diversificou os métodos de estudo individual. Segundo Tavares (2015), devido ao advento das tecnologias, “deve-se estar aberto a possibilidade de uma emergente evolução e surgimento de um novo sujeito que é autodidata, fruto de uma interface cibernética que se mostra a cada dia mais real e propiciada pelas tecnologias” (Tavares, 2015, p. 67).

Outros frutos contribuintes que a *internet* apresenta são os cursos à distância ou semipresenciais, *podcasts*, vídeos, fóruns e tutoriais nos mais diversos moldes, em sua maioria gratuitos ou com gratuidade no estágio inicial que já auxilia bastante na aprendizagem da língua (Monico; 2017; Bueno; Silva, 2024). Podendo proporcionar, aos estudantes, uma maior exposição a diversas culturas de usuários de uma determinada língua no mundo e acesso a variedades de sotaques e estilos de fala, assim como, a oportunidade de aprender em diversos contextos.

A procura por materiais, aplicativos, pessoas para interagir, bem como desenvolvimento de estratégias, desperta autoconfiança na habilidade de estudar, gerenciar, programar e, acima de tudo, começar a pensar por si mesmo, promovendo a criatividade nas mais diversas formas e desempenhando atividades por prazer.

O desenvolvimento do autodidatismo ocorre em etapas. Segundo Hellmann (2024), esses passos acontecem na seguinte ordem: a) memorização, pois ela é um fator de importância na construção de uma base sólida de conhecimento através da fixação de fatos, acontecimentos e informações observadas pelo indivíduo; b) conexão de ideias e entendimento de que um fato leva a outro, só sendo possível desenvolvê-la com plenitude quando já temos um grande acervo de conhecimento; c) reconhecer que a autoconfiança é um princípio essencial para o desenvolvimento autodidata e que seu crescimento desenvolve no indivíduo o hábito da investigação.

Nesse sentido, consideramos que, para aprender algo de forma autodidata, é necessário criar o hábito pelo estudo e pesquisa de determinado tema, organizar horários de estudar ou, ao menos, expor-se o máximo possível ao aprendizado, e estabelecer pequenas metas para, ao perceber sua evolução, estimular-se ainda mais. Um outro ponto importante é ser curioso, ir à busca do conhecimento.

## 1.1 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Ao começarmos a estudar/aprender outra língua, é comum não termos uma base de como podemos dominar as regras, vocabulário, pronúncia e fluência de tal maneira que torne o aprendizado mais eficaz. Para que não ocorra estagnação ou desistência, devem ser utilizadas estratégias, ou seja, “ações, geralmente conscientes, que o aprendiz utiliza para ampliar sua aprendizagem” (Paiva, 2010, p.13). Para tanto, as estratégias se apresentam de duas formas:

ao aprender uma língua usamos estratégias INDIRETAS que são aquelas que estão relacionadas ao planejamento de nossa aprendizagem e estratégias DIRETAS que estão intimamente associadas à própria aprendizagem (Paiva, 2010, p. 18).

Segundo a autora, as estratégias diretas se dividem em estratégias de memória, cognitivas e de compensação. As primeiras estão relacionadas às ações que são utilizadas pelo indivíduo para armazenar e lembrar-se de informações novas (Paiva, 2010). Como exemplo disso, tentar estabelecer relações entre o que já sabemos e os novos aprendizados da língua: escrever *cards* com os nomes de objetos; escrever e falar sentenças com novos vocabulários para memorizá-los.

As estratégias cognitivas dizem respeito às ações que são realizadas pelo indivíduo para uma melhor compreensão e produção de novas sentenças (Paiva, 2010). Um dos meios para essa estratégia é o contato frequente com pessoas mais proficientes, ter a iniciativa de se comunicar usando a língua alvo, fazer anotações, produzir textos ou vídeos, tentar encontrar padrões (modelos) na língua alvo para se organizar previamente durante uma comunicação, simular diálogos mesmo es-

tando sozinho olhando para um espelho.

As estratégias de compensação mostram que, mesmo sem saber tudo, é possível compreender e usar a língua com determinada estratégias para superar dificuldades (Paiva, 2010). Por exemplo, ao encontrar palavras desconhecidas, podemos adivinhar seus significados, criar novas palavras ou usar palavras semelhantes, além de tentar entender vocabulário novo pelo contexto, sem recorrer a dicionários ou aplicativos.

De acordo com Paiva (2010), as estratégias indiretas estão ligadas à organização da aprendizagem, suas emoções e à interação com outros indivíduos que fazem uso da língua alvo, e são utilizadas para planejar, avaliar e controlar a aprendizagem. A exemplo, tentar criar o máximo de oportunidades para usar a língua, ter autonomia para observar os próprios erros e saber usar isso para favorecer o aprendizado, ter atenção quando alguém dialoga, planejar o tempo para fazer o estudo e procurar pessoas (quer seja presencial ou virtualmente) com quem possa se comunicar.

As estratégias afetivas estão associadas às emoções, atitudes, valores e motivação (Paiva, 2010). Nas questões afetivas, compreendemos que tentar controlar o medo e encarar a aprendizagem sem se envergonhar pelos erros é o ideal para o sucesso ao falar uma língua estrangeira, pois, os erros são passos para a construção do aprendizado.

E, por último, temos as estratégias sociais que estão voltadas à aprendizagem da interação e cooperação com outros indivíduos fazendo uso da língua (Paiva, 2010; Caroni, 2014; Pucci, 2017). Como exemplo, no momento da comunicação é interessante que o indivíduo peça ajuda a pessoas proficientes na língua, interagir na língua alvo, tentar aprender sobre a cultura dos falantes de língua estrangeira e falar de sua própria cultura, pois, assim, o indivíduo irá se situar e contextualizar melhor as informações no momento da interação.

Portanto, levando em consideração todos os exemplos sobre os tipos de estratégias, concluímos que é necessário saber se programar para adquirir conhecimento a respeito do novo idioma de forma clara e eficiente, acelerando seu aprendizado e aperfeiçoando o uso da língua em diferentes contextos, para tornar-se mais seguro em situações reais.

## 2 TDICs COMO SUPORTE PARA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Dentro das diversas esferas de atividades cotidianas, as TDICs estão cada vez mais agregadas à vida das pessoas. Vídeos como *Tiktok* ou do site TED (Tecnologia, Entretenimento e *Design*) tornaram-se populares e têm sido bastante procurados e utilizados para aprimorar as habilidades de aprendizagem de línguas, podendo assim acionar a capacidade cognitiva do indivíduo e deixá-lo mais próximo dos valores e cultura do outro. Além disso, o público que quer aprender uma língua pode fazê-lo em *sites* e aplicativos de bate-papo, que funcionam inclusive com correções de pronúncia e escrita, propiciando também o contato com pessoas de vários lugares do mundo. Existem também aplicativos que trazem textos com áudio na língua alvo com diferentes tipos e gêneros textuais.

O acesso a vídeos, filmes e séries se ampliou com as plataformas de *streaming* como *Netflix*, *YouTube* e *Prime video*. Monico (2017) afirma que esses recursos facilitam o contato com a língua-alvo, auxiliam na aprendizagem e reduzem dúvidas de vocabulário, pois filmes, músicas e séries apresentam novos léxicos de forma contextualizada e naturalizada (Monico, 2017, p. 49).

Essa interação com as TDICs na aprendizagem de línguas gera uma consolidação gramatical e semântica da língua-alvo, através do compartilhamento dos comportamentos, sentimentos e as necessidades presentes nos vídeos, músicas, *memes*, *podcasts*, *vlogs* etc. As projeções/identificações propostas desses recursos que retratam a realidade, naturalizam o aprendizado do indivíduo e o conduz para um nível de compreensão além dos aspectos estruturais da língua.

Com isso, partindo das premissas destes mesmos conceitos tecnológicos, as intituladas redes sociais como *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*, *Whatsapp*, *X*, *Tik Tok* e *Reddit* passaram de simples meios de comunicação e entretenimento para ferramentas de colaboração para um aprendizado significativo de língua e amplificação do *Input*. Em seus usos, Monico (2017) destaca sua importância como participação e contato com grupos relacionados a fenômenos precisos da língua, o compartilhamento de arquivos/materiais, sendo um boa opção por permitir a comunicação com pessoas de outros países, assim como esclarecer dúvidas.

Paiva (2012, p. 168) comenta que o *YouTube* é uma valiosa fonte de materiais na aprendizagens de línguas, visto que podemos encontrar “desde aulas sobre temas diversos até trechos de filmes, peças teatrais, canções de todas as épocas, reportagens, programas de televisão, etc.”. Destacamos aqui o *Reddit* como um interessante espaço de discussões em fóruns, com temas variados na língua inglesa. Oliveira Neto (2024) reafirma a ampliação de uso de tais ferramentas para a educação principalmente após o a pandemia de COVID-19.

### 3. METODOLOGIA

Essa pesquisa de caráter qualitativo, trata-se de um estudo de casos que “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Ludke; André, 2012, p. 4). Por conseguinte, para o desenvolvimento da pesquisa, foram-nos indicados, por professores universitários, alguns egressos de cursos de Letras Inglês, considerados proficientes na língua com base em suas interações e provas de nivelamento. Encontramos cinco indivíduos que diziam ser autodidatas, porém, foram identificadas apenas três pessoas que aprenderam de forma independente e que se adequaram ao principal fundamento deste trabalho que é o autodidatismo. Dois dentre os cinco participantes na entrevista apresentaram relevantes informações pessoais sobre como ocorreu o aprendizado de inglês. No entanto, ambos já haviam frequentado cursos de idiomas anteriormente e, por essa razão, foram excluídos do estudo com base nos critérios de seleção estabelecidos.

Assim, apresentamos as três participantes autodidatas de nossa pesquisa: com nomes fictícios para não expor suas identidades, Grécia é residente da cidade de Salvador (BA) e tem quarenta

e três anos, Itália é da cidade de Gandu (BA), e Canadá é da cidade de Feira de Santana (BA), ambas com vinte e três anos de idade. Uma informação em comum entre as entrevistadas é que as três são proficientes em língua inglesa e tiveram essa língua como disciplina na escola básica, porém, não foi neste período em que se deu o aprendizado, pois, na escola, segundo Grécia, Canadá e Itália (2021) havia uma maior preocupação com assuntos gramaticais em detrimento das habilidades linguísticas, principalmente, de falar e ouvir.

O instrumento utilizado para a coleta de dados das participantes foi a entrevista semi-estruturada, realizada de forma online, no ano de 2021, organizada em um conjunto de perguntas divididas em seis etapas: motivação; habilidade de comunicação; habilidade de compreensão; habilidade escrita; habilidade de leitura e interpretação; e recursos tecnológicos. Contudo, neste texto, destacamos apenas três blocos temáticos que são: a) habilidade de comunicação; b) habilidade de compreensão; e c) recursos tecnológicos.

#### 4. ANÁLISE DE DADOS

##### 4.1 HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO

De acordo com a entrevista, Itália é falante da língua inglesa há aproximadamente seis anos. Ela considera o seu nível de comunicação intermediário e para o desenvolvimento da competência comunicativa, ela disse: “Eu costumava acessar *chats online* na *internet*, ouvir músicas na língua inglesa e repetir a letra das músicas cantando num *karaokê*” (Itália, 2021). Souza (2022, p. 295) pondera que “a música pode atuar como ferramenta de redução do filtro afetivo, favorecendo a criação de vínculos com a língua estrangeira, ao passo que cria uma atmosfera de aprendizagem mais descontraída e cativante”. Além disso, a música incorpora diversos aspectos da noção de textualidade (bem como de intertextualidade e interdiscursividade) ligados à questão cultural. Itália afirmou que não estabelecia horas ou minutos para o estudo do inglês com relação a nenhuma das habilidades, a música auxiliava no aprendizado como um todo. Logo, a aprendizagem através do uso de canções está ligada às estratégias indireta, direta e sociais definidas por Paiva (2010) que se referem à memória, cognição, emoções e interação.

A respeito do uso de músicas para a aprendizagem, Paiva (2009, p. 38) pondera: “arrisco-me a dizer que os alunos se beneficiariam muito mais se, ano após ano, cantassem as músicas de sua preferência e interpretassem suas letras ou até mesmo tentassem traduzi-las”. Portanto, a música é uma ferramenta que auxilia na comunicação e, mais precisamente, na pronúncia e conhecimento cultural. Além da música, Itália mencionou participação em *chats online* e outras ferramentas de conversação na *internet* que a ajudaram na competência comunicativa.

Grécia relatou aspectos um pouco diferentes quanto ao desenvolvimento da língua inglesa, ela iniciou os estudos aos onze anos, mas só se considerou uma falante fluente quando alcançou os vinte anos. Disse que considera seu nível de comunicação avançado e consegue entender e ser entendida na língua inglesa com facilidade. Durante o aprendizado da língua, ela informa que: “não

tinha ninguém em minha rua ou no meu círculo familiar que falasse ou estudasse inglês" (Grécia, 2021), exigindo uma estratégia indireta de compensação (Paiva, 2010). Desse modo, costumava criar diálogos e "encená-los". Eram diálogos relacionados a ações do dia a dia. Por exemplo: "Se eu fosse comprar algo, o que eu precisaria saber falar ou ouvir?" (Grécia, 2021). Em situações desse tipo,

no cenário proposto por princípios da abordagem comunicativa, as atividades gramaticais são voltadas para a comunicação. Os exercícios fundados na memorização e repetição de estruturas são substituídos por aqueles que simulam situações reais de comunicação e proporcionam maior interatividade (Cestaro, 1999, apud Pucci; Cruz, 2017, p. 3).

Um pouco semelhante com Itália, Grécia nunca se preocupou em determinar uma certa quantidade de horas para o estudo do inglês. Estudar inglês para ela era considerado um passatempo. Então, todo tempo livre que tinha era destinado a aprender mais sobre a língua inglesa do que em outras atividades, até mesmo nas férias. Portanto, passava longas horas estudando. Quanto à questão do tempo de estudo, Hellmann (2024) enfatiza que, no início da prática, é necessário estabelecer horários e uma duração mínima, podendo começar com apenas 20 minutos diários e aumentar gradualmente. No caso de Itália e Grécia, que já possuem um ritmo consolidado de estudos, não sentem mais a necessidade de delimitar esse tempo, pois o aprendizado se tornou uma atividade prazerosa e integrada às suas rotinas.

Com relação à dificuldade para a competência comunicativa, Grécia mencionou que enquanto estudava individualmente, dos onze aos dezenove anos, não sentia tais dificuldades. Ela só sentiu que tinha lacunas na comunicação quando foi exposta nas aulas de inglês, na faculdade de Letras, pois as aulas eram todas em inglês avançado com assuntos diversos. No entanto, ela tinha algumas falhas no vocabulário (expressões e palavras que faltavam ou eram usadas equivocadamente), porém considerava ter uma boa pronúncia, assim todo o processo fluía tranquilamente e conduzia a aprendizagem dos novos vocábulos conforme fez durante sua aprendizagem autodidata. Sobre isto, Santos (2009) nos diz que é importante fazer uso da língua estrangeira em situações de necessidade, desenvolvendo sua habilidade e construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais de interação. Para superação das dificuldades na comunicação, Grécia revelou que a ajuda dos colegas e amigos foi muito importante, até daqueles que não falavam inglês, impulsionando-a a seguir em frente.

Essa interação utilizada por Grécia está relacionada às estratégias sociais definidas por Paiva (2010). O uso de estratégias de aprendizagem, segundo Grécia, a auxiliou a ser proficiente na língua, sendo que em 2013 realizou um teste de proficiência internacional e foi aprovada para fazer um intercâmbio para um país anglófono.

Assim como Grécia, Canadá ressalta a necessidade de sempre se aperfeiçoar, visto que a língua é algo dinâmico, neologismos são criados, a cultura de outros países também é algo que muda ao longo do tempo. Canadá considera-se proficiente, tendo iniciado os estudos de inglês aos oito anos de forma mais instrumental. Apenas nos últimos anos, Canadá passou a praticar a fala mesmo ainda considerando que precisa aprimorar mais essa habilidade. Ela afirmou: "Como não participei de

cursos, a melhor forma que encontrei e sempre utilizei foi a leitura de textos, diálogos em voz alta e, ainda mais que isso, cantar muitas músicas em inglês" (Canadá, 2021). Sobre a leitura de músicas, Caroni (2014) ressalta que

[...] o uso do gênero textual música pode fazer com que a apropriação do conhecimento aconteça de forma mais real para o aluno, oportunizando o desenvolvimento de habilidades de leitura, oralidade e escrita e consequentemente a ampliação de vocabulário e conhecimentos linguísticos (Caroni, 2014, p. 4).

De acordo com Canadá, ela também não estabelecia dias ou horários exatos para estudar a língua inglesa. O aprendizado do inglês para ela sempre foi algo muito pessoal, "uma curiosidade, sonho, vontade" (Canadá, 2021), sempre procurava estar em contato com o inglês. Entretanto, ela afirmou sentir dificuldades para desenvolver a competência comunicativa, acreditando que a comunicação na língua se daria de forma muito mais eficaz e rápida se tivesse outras pessoas que pudesse estarem constantemente dialogando com ela no idioma. Para superar a dificuldade nessa habilidade, "não passava mais que segundos lembrando das dificuldades e focava no que tinha em mãos e no que poderia ser feito naquele momento" (Canadá, 2021).

Hymes (1972, apud Savignon, 2018) pondera que um sociolinguista usou o termo "competência comunicativa" para ampliar a visão sobre o uso da língua, destacando a importância de compreender tanto as estruturas gramaticais quanto as normas de uso em contextos sociais. O autor usa o termo 'competência comunicativa' para se referir não apenas ao conhecimento, mas também, à habilidade de usar esse conhecimento. Nessa perspectiva, a competência comunicativa do falante está composta por um conhecimento particular, que o indivíduo sabe consciente e inconscientemente à sua capacidade para uso. Itália e Canadá durante a prática da comunicação utilizaram em comum a música como uma ferramenta de contribuição na conversação e, consequentemente, na pronúncia e aquisição de vocabulários. As três participantes também fizeram uso de estratégias diretas, indiretas e sociais (Paiva, 2010) para desenvolver sua habilidade de comunicação.

## 4.2 HABILIDADE DE COMPREENSÃO

Para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da habilidade de compreensão, as três participantes da pesquisa, discorrem sobre o uso de estratégias diretas de aprendizagem (Paiva, 2010) para aprimoração de memória, cognição e compensação.

Ao ser questionada sobre sua habilidade de compreensão, Itália relatou que considera seu nível de compreensão intermediário e que comprehende bem músicas sendo cantadas na língua inglesa. Para o aprimoramento dessa habilidade ela informou:

*decidi parar de ver filmes e séries dublados, e comecei a ver tudo em inglês, no início foi complicado, mas acredito que foi a ajuda principal, porque nas séries e filmes eu acompanhava uma dinâmica diferente,*



*eu tinha que pegar o ritmo em que os nativos do inglês falam, e a rapidez também, e, principalmente, eu acabei expandindo o meu vocabulário (Itália, 2021).*

Quanto aos obstáculos para dominar essa habilidade, Itália disse não enxergar muito as "dificuldades", pois não era como se ela houvesse estabelecido metas e nem algo similar, porém, era tudo por diversão e vontade de aprender mais sobre a língua, e se não compreendia algo, apenas seguia em frente. O seguir em frente é uma estratégia direta de compensação (Paiva, 2010) Apesar da fala de Itália de que não haviam metas, ela própria afirma sua vontade de aprender a língua, portanto, se expunha o máximo que podia para interagir com a língua-alvo. Monico (2017) esclarece que para aprender línguas com eficácia é necessário organizar-se com uma estrutura de regras definidas.

Já Grécia relatou que considera a sua compreensão muito boa, melhor do que a sua fala. Para o desenvolvimento da compreensão, Grécia narra:

*Eu contava com as músicas que ouvia no rádio e gravava em fitas cassete. Conseguia as letras das músicas com amigos, e com revistas de cifras para violão que eu comprava nas bancas de jornal. Tentava sintonizar as frequências AM de rádios internacionais. Quando conseguia, ficava atenta aos locutores. Também costumava aguardar até a madrugada para assistir aos filmes legendados na TV aberta (não havia TV a cabo com facilidade como hoje). Era o único horário que passavam filmes e séries legendadas, como “Seinfeld”, por exemplo (Grécia, 2021).*

Na década de 1990 era difícil o acesso a tecnologias para aprender línguas, todavia, Grécia utilizava o que tinha à mão como rádio e fita cassete, além de pesquisar horários que fosse possível assistir programas em língua inglesa na TV, portanto, as tecnologias foram suas aliadas para o desenvolvimento de sua habilidade de comunicação. As produções audiovisuais legendadas promovem uma compreensão mais significativa da língua-alvo e oferecem prática oral autêntica, ao apresentar amostras de linguagem reais e não exclusivamente didáticas (Gomes, 2016).

Com relação às músicas, Grécia costumava ouvi-las sem as letras e tentava entender o máximo que pudesse, depois usava as letras como correção. Em seguida, segundo ela, escutava sem letra. “*Sentia as diferenças de pronúncia, ritmo da fala, união de palavras e outros aspectos da dinâmica da língua*” (Grécia, 2021). Diferente das possibilidades que temos no uso de plataformas de streams atualmente, no período em que Grécia estudava, como não tinha como repetir os filmes ou gravar, assistia ouvindo os diálogos e comparando-os com as legendas para certificar-se do que havia compreendido.

Portanto, relata que, no início, teve bastante complicações para o domínio da compreensão, pois não havia muito material para se trabalhar essa habilidade. “*Era início dos anos 90: sem internet, sem computador, sem aplicativos de celular (o que era celular?), como hoje em dia. Nem videocassete havia em minha casa*” (Grécia, 2021). Nesse sentido, para superar as dificuldades de compreensão, ela teve como base a mesma forma como fez com a fala: muita exposição à língua, em todas as oportunidades possíveis. E, na compreensão auditiva, Grécia afirmou que foi muito mais fácil de resolver, pois “*a exposição auditiva é uma ação passiva que requer maior atenção e sensibilidade ao que o indivíduo está ouvindo*” (Grécia, 2021).

McDonough e Shaw (2003, *apud* Vandergrift, 1999) trazem uma concepção um pouco diferente do que relatou Grécia, quanto à habilidade de compreensão em línguas. Para os autores, a habilidade de compreensão não é passiva, ela é complexa, um processo ativo que passa pela discriminação de sons, compreensão de vocabulários e estruturas, bem como, interpretação dos contextos linguísticos e socioculturais.

Já Canadá, considera-se com alto nível de compreensão, podendo assistir filmes, séries, vídeos e escutar músicas com tranquilidade. Ela afirmou:

*No começo, escutava as músicas com o máximo de atenção possível, tentando captar o máximo de palavras conhecidas. Aquelas que eu não conhecia, buscava no dicionário, e mesmo quando errava alguma coisa na ortografia, era um bom recurso para aumentar o vocabulário, já que eu nunca ficava satisfeita apenas com a palavra que estava procurando* (Canadá, 2021).

Canadá assistia o mesmo filme “várias e várias vezes, com legendas em português, inglês e sem legenda” (Canadá, 2021). De acordo com ela, variava nessas opções, mesmo que inicialmente fosse difícil de entender. A exposição de Canadá a filmes traria como vantagens a aquisição de novos vocabulários, prática de compreensão de diferentes pronúncias e sotaques, bem como, a interação sócio-cultural propiciada pelo acesso a diversos contextos mundiais.

Conforme Canadá, o aprendizado sempre se seguiu com música, alguns filmes e, anos mais tarde, algumas séries de TV. No entanto, no início do desenvolvimento dessa habilidade, quando não compreendia uma palavra ou música, não enxergava como uma dificuldade. Para ela, era sempre “um desafio para conseguir dar mais um passo adiante” (Canadá, 2021). A superação de suas dificuldades, segundo Canadá, era atingida com a correção de perspectiva sobre aquilo que ela ainda não conseguia fazer ou compreender.

Percebemos, nos blocos sobre habilidades de comunicação e compreensão, a importância e uso de recursos tecnológicos na aprendizagem autodidata de línguas, e até mesmo a luta por acesso a essas tecnologias para aprendizagem. Portanto, no próximo bloco, trataremos sobre esses recursos e a influência das TDICs na aprendizagem de línguas.

## 4.3 RECURSOS TECNOLÓGICOS

As ferramentas tecnológicas eficazes para o aprendizado da língua inglesa e para a competência comunicativa, segundo Itália, foram: “sites como o YouTube, sites de músicas, o meu próprio aparelho de celular que me permitiu efetuar leitura de materiais digitais, junto a um dicionário” (Itália, 2021), além do uso da internet na busca de vídeo aulas. Itália relatou que não sentiu dificuldades para encontrar ferramentas tecnológicas para o estudo do inglês, pois as ferramentas sempre estavam todas ao seu alcance para o esclarecimento das dúvidas e aprimoramento da língua inglesa. Além disso, professores de inglês que lhe ensinavam no período escolar, mais precisamente no ensino médio, e outras pessoas conhecidas que reconheciam o seu interesse em aprender a língua, cediam para ela alguns

materiais de estudo, como livros de gramática da língua inglesa e outros materiais de suporte como livros de fonética.

Itália disse que costumava praticar a conversação na língua inglesa com algumas amigas através da plataforma digital *Whatsapp* ou se reunia com algumas para um contato direto, aprimorando a sua competência comunicativa. O *e-mail*, conforme Itália, também foi uma das ferramentas utilizadas para a prática da língua, assim como alguns recursos de mensagens de voz e chamadas de vídeo. Dessa forma, Itália considera que não há pontos negativos na inserção das tecnologias para o aprendizado da língua inglesa, pois para ela esses recursos atuam como suporte no processo de aprendizagem, foram as TDICs que a fizeram “*aperfeiçoar alguns aspectos da língua gradativamente*” (Itália, 2021). Esse posicionamento de Itália é corroborado pela pesquisa de Oliveira Neto (2024) que reafirma o uso do whatsapp para desenvolvimento da habilidade oral na aprendizagem de línguas.

Diferente de Itália, Grécia não tinha tantos recursos tecnológicos à sua disposição. Para seguir com o aprendizado, as tecnologias utilizadas por Grécia foram, em sua maioria, recursos que fazem parte de gerações anteriores, como ela mesma exemplifica: “fitas cassete, videocassete, rádio”, utilizou também programas de TV e filmes legendados. Não dispunha, na época, de computador, *smartphone* ou *internet* para tal, “*nos anos 90, não eram ferramentas acessíveis (nem conhecidas) pela população*” (Grécia, 2021). A entrevistada disse que houve bastante dificuldade em encontrar ferramentas tecnológicas para o seu estudo, porque os equipamentos que haviam na época tinham um custo muito alto, e seus pais não tinham condições de pagar. Devido ao avanço das tecnologias, Grécia relatou que hoje faz uso de ferramentas digitais, redes sociais e aplicativos de comunicação no *smartphone*. Através do uso de tecnologias, ela tem como costume comunicar-se em inglês com brasileiros e pessoas de várias partes do mundo.

As TDICs fazem parte das experiências sociais das pessoas, quer seja nos contextos de trabalho, educação, diversão ou na vida familiar. Portanto, o uso de tecnologias pode desenvolver:

no indivíduo uma capacidade de debater, de negociar, de intervir, de fazer escolhas conscientes em relação ao bem estar coletivo em busca de uma sociedade democrática que promova práticas participativas e dialógicas, tornando o meio em que se vive mais habitável para si e para os outros (Moura; Moura, 2024, p. 82).

Grécia declara não perceber nenhum ponto negativo na inserção das tecnologias no aprendizado do inglês:

*acredito que as novas tecnologias só vieram agregar mais no processo de aprendizagem, pois encurtam distâncias, com comunicações online, facilitam buscas de vocabulário e maior acesso ao banco de dados do sistema linguístico, além de expor facilmente o aprendiz da língua a um vasto material de leitura, áudio e vídeo, o que enriquece o aprendizado* (Grécia, 2021).

Já Canadá mencionou que durante o aprendizado da língua inglesa, nenhuma tecnologia foi fundamental para o desenvolvimento da sua habilidade de comunicação. Apenas nos últimos quatro anos, “*utilizei tablet e notebook para auxiliar na leitura e produção de textos*” (Canadá, 2021). Ela afirma

que não teve dificuldades tentando encontrar ferramentas tecnológicas para o estudo da língua, porque nunca pensou na tecnologia como um ponto de partida para começar a aprender, visto que, no período, ela tinha apenas oito anos de idade e só passou a ter acesso constante à *internet* e outras tecnologias, além do celular, quatro anos depois daquele período quando já estava acostumada a aprender a língua sem o suporte dessas ferramentas. Portanto, assim como Grécia, Canadá não teve muito acesso às tecnologias no início do seu aprendizado por não estarem tão disponíveis como acontece agora.

Contudo, pela própria fala de Canadá, percebemos que as tecnologias poderiam ter facilitado sua comunicação oral e compreensão. Ela pratica a comunicação usando algumas das mídias digitais, porém, apenas se comunica através da escrita. O autodidatismo, conforme Monico (2017), exige iniciativa e esforço individual. Logo, o indivíduo deve estar atento para não incorrer na acomodação de aprender apenas a habilidade linguística que seja mais fácil para si, como destaca a participante:

*acredito que por conta da maneira como eu aprendi, penso que o maior ponto negativo é o comodismo. De certa forma, atualmente, com as tecnologias o aprendizado é muito (e pode colocar um destaque nessa palavra) facilitado, se tem muitas coisas nas mãos em questão de segundos (Canadá, 2021).*

Paiva (2012, p. 37) considera que a “autonomia pode ser entendida como o controle que cada um exerce sobre sua aprendizagem ou como a capacidade de aprender a aprender e de escolher suas próprias estratégias de aprendizagem”. Com base na autora e nas entrevistas, concluímos que, com a autonomia, cria-se a independência e a autossuficiência, dando liberdade ao indivíduo de gerir livremente o seu aprendizado.

No ponto de vista de Canadá, o autodidatismo é facilitado por meio da *internet* e a inclusão das TDICs. Canadá ressalta: “*há inúmeras vídeo aulas de inúmeros professores no YouTube, é só escolher o seu*” (Canadá, 2021). Ela disse enxergar o lado bom disso tudo, mas ainda assim não dispensa um excelente dicionário e um bom livro.

Por conseguinte, a presença reiterada das tecnologias tem recebido destaque não somente nas práticas sociais e/ou como veículos de comunicação, mas também como meio para o desenvolvimento profissional e educacional. Toda e qualquer ferramenta digital quando bem aproveitada é de grande valia para se obter informações e aprimorar o conhecimento, contudo, não deve ser o único meio para a aprendizagem. Para aprender uma língua o indivíduo pode recorrer à interação social, participar de eventos culturais e intercâmbios, técnicas e estratégias de estudo como cartões de memorização, anotações, diários, gravações, autoavaliações, leituras, assistir filmes e séries, participar de fóruns, entre tantas outras atividades de acordo com os interesses pessoais. Desta maneira, o aprendizado de uma língua, utilizando técnicas e estratégias de aprendizagem, unido a eficientes acervos digitais, proporcionará ao indivíduo uma acentuada evolução, revolucionando seu aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais e as novas possibilidades produzidas na participação e exercício da sociedade como um todo, tem criado motivação pelo jeito como a informação movimenta-se e na difusão dela através de novos aparatos tecnológicos, juntamente com a clareza e iminência na utilidade de se aprender uma nova língua, dentre elas a língua inglesa. Essa interatividade no âmbito sociocultural exerce funções importantes na construção da postura e identidade que incita e torna concreta a busca da autonomia de um sujeito, bem como, na aquisição da competência comunicativa.

Com esses recursos, somos capazes de criar sentidos, agir e reagir instantaneamente, segundo novas matrizes de construção do saber. Levando em consideração as experiências e argumentos apresentados pelas participantes, e o objetivo formulado neste trabalho de descrever técnicas e estratégias de aprendizagem que foram utilizadas na aprendizagem autodidata de línguas, foi possível realizar uma breve descrição analítica de possibilidades da aprendizagem autodidata.

Por fim, vale ressaltar que todo o acervo de informações reunido até aqui nos ensinou a enfrentar os desafios e superar obstáculos no caminho do aprendizado autônomo, através de propósitos pré-estabelecidos, impulsionados por estímulos internos e enriquecido por atividades autorreflexivas. Tudo isso nos leva a crer que, com dedicação, é possível alcançar a proficiência em uma língua. Para esse fim é essencial fazer uso eficaz das TDICs, adotar técnicas e estratégias de aprendizagem, buscar materiais didáticos para suas necessidades e promover a interação na língua alvo, além de buscar incentivo e oportunidades de desenvolvimento contínuo.

## REFERÊNCIAS

- BUENO, Felipe Ortiz; SILVA, Marcelo José da. Aprendendo inglês no metaverso com Roblox. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 10, p. e5724-e5724, 2024.
- CARONI, Maria Lúcia dos Santos. O ensino da língua inglesa por meio de músicas. In: PARANÁ. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor**. PDE Produções Didático-Pedagógicas, v. 2, 2014.
- FERREIRA, Fernanda Abiorana Dias. **O uso do dicionário bilíngue no processo de compreensão de textos por alunos iniciantes de espanhol/Le.** (Dissertação de Mestrado em Letras e Tradução). Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GOMES, Francisco Wellington Borges. Filmes legendados e ensino de línguas adicionais: um breve panorama sobre as pesquisas no Brasil. 2015. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 1, jul. 2016.
- HELLMAN, Géssica. O Caminho para o Aprendizado Autodidata. **Vias Clássicas**. Online. Disponível em: <https://vias-classicas.com/blog/o-caminho-para-o-aprendizado-autodidata/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

HYMES, Dell. **On Communicative Competence.** In: HYMES, Dell. **The communicative approach to language teaching**, v. 2, p. 53-73, 1979.

IBGE. **PNAD Contínua 2024.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41024-internet-foi-acessada-em-72-5-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2023>. Acesso em: 06 jan. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Tempo Docente.** Campinas, SP: Papirus, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

MCDONOUGH, Jo; SHAW, Christopher. **Materials and Methods in ELT: A Teacher's Guide.** 2<sup>a</sup> ed.. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2003.

MOURA, Edmilson Borges de; MOURA, Angelita Teresa da Conceição. A Tecnologia Aliada à Educação. In: FERREIRA, Pedro Paulo da Cunha (Org.). **Construindo Pontes: Diálogos entre Ciências Humanas e Sociais.** V. 2, 2024.

MONICO, Michelli de Godoy Del. **As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na aprendizagem autônoma de língua inglesa,** (Dissertação de Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

OLIVEIRA NETO, Fabio Marques; WEISSHEIMER, Janaina. Percepções de aprendizes sobre a utilização do WhatsApp para o desenvolvimento da produção oral em inglês como L2. **Revista Leitura**, n. 81, p. 59–73, 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa conversas com especialistas.** 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês com Foco na Autonomia.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio: teoria e prática.** 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

PUCCI, Renata.H. P; CRUZ, Maria. Nazaré da. A construção do diálogo em sala de aula de língua inglesa: uma análise enunciativo-discursiva das interlocuções, **Calidoscópio**, v. 15, n. 1, 2017.

SANTOS, Laura dos. **O ensino de vocabulários em língua inglesa por meio de atividades lúdicas,** In: PARANÁ. Dia a dia educação, p. 1-18, 2009.

SANTOS FILHO, Agnaldo Pedro; COUTO, Leda Regina de Jesus; VIÑAL JÚNIOR, José Veiga. O ensino de língua inglesa nos espaços: reflexões e possibilidades para a aprendizagem de alunos urbanos e rurais da EJA. **Revista Rural e Urbano - UFPE**, v. 6, p. 213-227, 2021.

SAVIGNON, Sandra J. Communicative Competence. **The TESOL encyclopedia of English Language**, p. 1-7, 2018.

SILVA, Vera Lucia Teixeira da Silva. Competência Comunicativa em Língua Estrangeira (Que conceito é esse?). **Soletras**, ano IV, n 8. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2004.

SOUZA, Drielle Caroline Izaias Juvino. A Música como Recurso de Ensino-Aprendizagem da Língua Inglesa nos Livros Didáticos. **Revista Porto das Letras**, v. 8, n. 1, p. 291-309, 2022.

TAVARES, David Ribeiro. Um autodidatismo natural e tecnológico como solução sócio-educacional. **Ensaios Pedagógicos. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**, v. 10, n.1, p. 61-72, dez. 2015.

**Submissão em: 07/05/2024**

**Aceite em: 06/01/2025**